



Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! Só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo, bem diverso do que

em primeiro se pensou [...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia [...].

João Guimarães Rosa (2001)

O texto-conversa a seguir está sendo apresentado com o intuito de sistematizar algumas reflexões e considerações sobre a importância da participação e envolvimento das duas instituições (escola e família) no processo de desenvolvimento e aprendizagem da linguagem da alfabetização, oralidade e letramento com nossas crianças.

Abrimos a escrita apoiados em um excerto do romance “Grande Sertão: Veredas” de autoria do saudoso escritor João Guimarães Rosa. A escolha se deu pelo fato de considerarmos que a tônica central de nossos argumentos está interligada a importância do percurso da vida cotidiano. O desenvolvimento e a aprendizagem de nossas crianças, em especial no que diz respeito a oralidade, alfabetização e letramento, estão vinculados à complexidade da vida de todos os dias, vivida por adultos e crianças na escola e na família instante a instante.



A consciência e percepção dessa complexidade está na forma que elegemos para viver o movimento da vida, sendo espelho retrovisor para o pulsar das relações que estabelecemos com as nossas crianças. Relações diárias que se tornam fundantes na riqueza da ampliação do repertório cultural e na formação das máximas potencialidades humanas.

Nossos argumentos estão entrelaçados em uma abordagem interdisciplinar e interinstitucional. Nesse sentido, que consideramos a alfabetização como uma linguagem complexa que necessita ser realizada em conjunto, uma atividade humana que envolve a escola e a família, tomando a criança como sujeito central do processo de aprendizagem. Quando se consegue criar e se estabelecer uma parceria em prol da aprendizagem e desenvolvimento de nossas crianças, em especial evidenciando o aprender e o desenvolver com amorosidade e afetividade, nossas crianças conseguem com maior riqueza transcender em sua formação humana, se transformando em grandes leitores e escritores.



Na escola e na família, a leitura e a escrita, precisam ganhar novas formas e possibilidades, proporcionando e ressignificando vivências e experiências que encantem e possibilitem a descoberta, o prazer, a curiosidade, a brincadeira e a convivência com a cultura do letramento e da alfabetização. Uma articulação e conexão que envolve saberes teóricos e práticos visando alcançar a participação plena das crianças em todas as propostas e atividades que envolvam a indissociabilidade entre essas linguagens; pois ler e escrever é uma função que se realiza, culturalmente por mediação, mas começa muito antes da primeira vez em que o professor ou a professora coloca um lápis na mão da criança e ela tem a oportunidade de vivenciar uma experiência de formar letras e números. Ler e escrever, é uma linguagem bem mais ampla que principia muito antes das crianças começarem a traçar suas primeiras tentativas em atividade de folhas A4.

Neste universo de propostas e atividades, a participação das crianças é um dos núcleos essenciais, muitas vezes também o mais difícil de ser compreendido. O que pretendemos enfatizar, é que a qualidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento passa necessariamente pela garantia de uma formação na qual as crianças são compreendidas como autoras, protagonistas e sujeitos ativos no processo. Essa processualidade guarda uma identidade singular no percurso de potencializar a participação das crianças.



O letramento e a alfabetização são processos distintos, porém complementares. A alfabetização significa orientar as crianças para o domínio da tecnologia da escrita, cujo processo se inicia já na Educação Infantil, sem caráter formalizador, estendendo-se aos primeiros anos do Ensino Fundamental com o objetivo de consolidá-la. O letrar significa conduzir e mediar as crianças ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita, desenvolvendo as habilidades e hábitos dessa leitura e escrita. Produzir o prazer de ler e escrever é primordial para a formação de sujeitos letrados, sendo este um dos maiores desafios para a escola e a família.

Para tanto, as práticas de leitura, escrita e oralidade com as crianças devem priorizar uma abordagem aberta e possível ao diálogo intercultural, respeitando todas as formas de ser e estar da vida humana; também reconhecendo os diferentes tempos e ritmos de aprendizagem e desenvolvimento de cada criança.



Por outro lado, cabe alertar, que apenas o convívio intenso com textos que circulam na sociedade não garante que as crianças se apropriem da escrita alfabética e da leitura sistemática e interpretativa, uma vez que essa aprendizagem não é espontânea e requer que a criança reflita sobre as características do nosso sistema de escrita e leitura. Assim, também é a oralidade, as crianças aprendem a falar, conversando e contando histórias. Por isso, afirmamos: uma conversa com uma criança, é uma conversa, um momento recíproco de diálogo e compartilhamento de ideias e pensamentos.

Com a perspectiva do letramento e a alfabetização caminhado de mãos dadas, propomos atividades complementares com as diversas mídias como os livros, os jornais, as revistas, o rádio, o cinema, a televisão, o computador e o celular, assim como as suas linguagens que podem ser oral, escrita, imagética, audiovisual ou programação, tanto quanto seus diversos gêneros nas formas impressa, eletrônica ou digital. Com isso, o que se pretende é que escola e família se tornem o canal de aproximação para as crianças conhecerem e tornarem-se usuários ativos de mídias e não apenas passivos, que transitem da condição de meros receptores para participantes, de consumidores para produtores de conhecimento.



Assim, abrir-se a participação das crianças, é um leque de escolhas no ato de apresentar para elas o mundo da escrita e da leitura. Escolhas que envolvem a interação com as particularidades de cada criança. A leitura e a escrita, desde o início, exigem uma longa e frutífera relação colaborativa entre escola, família e crianças. Essa relação é uma troca de conhecimentos sobre a criança, caminhando em uma via de mão dupla, adultos e crianças interagindo e mutuamente aprendendo. Adultos desmistificando e conhecendo as necessidades, os desejos, as vontades, as dificuldades das crianças, tornam um processo que é intenso e complexo, em algo familiar e prazeroso para as mesmas. Essa possibilidade vai instrumentalizando professores/as e famílias para atuar com um olhar na realidade de cada criança, considerando que esta realidade possui dimensões históricas, institucionais, gênero, raciais/étnicas, etárias, políticas, educativas e sociais; tendo clareza do sentido social da Educação como formação humana para o efetivo exercício da cidadania, muito mais do que ensinar e transmitir conteúdos de maneira compulsiva e precoce às nossas crianças.



Nesse sentido, como indica o Parecer Conselho Nacional de Educação - CNE/CEB nº 07/2010 que fundamentou as Diretrizes Curriculares Nacionais Operacionais para a Educação Básica, temos o desafio de construir um sistema nacional de educação orgânico, sequencial e articulado que assegure aos estudantes - independentemente das categorias geracionais em que se encontrem - o desenvolvimento pleno de suas potencialidades, logo, uma educação de qualidade social.

Cabe contextualizar, que o direito à educação se configurou como condição primordial para a formação e o exercício da cidadania em nossa contemporaneidade e vetor de desenvolvimento das pessoas - sejam elas crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos, e da sociedade pautada nos princípios da justiça social, dignidade, democracia e emancipação humana. O direito à educação é o direito de aprender e o direito pela integração dos profissionais da educação, crianças, famílias e comunidades. Com isso, temos a possibilidade de se promover a autoria e o empoderamento, elementos fundamentais para a emancipação humana.



Nessa tessitura, o ser humano é reconhecido como sujeito multidimensional, uno, criativo, volitivo, desejante e lúdico (desde bebê). Enquanto humano, desenvolve a percepção, a memória e a imaginação como possibilidades concretas de produzir a vida. Nossa discussão destaca uma concepção e uma imagem das crianças em sua condição multidimensional (paradoxalmente múltiplo e uno), e é a partir dela que a educação deve ser desenvolvida, ou seja, transcender o mero acúmulo de informações, a “ensinagem” e o “aulismo”, sem sentido e significado, ou mesmo a simplista conquista de indicadores de resultados. Indicamos que precisamos vencer e ser vigilantes de práticas de leitura e escrita, no qual se ensina as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba se obscurecendo a linguagem escrita como tal (VYGOTSKY, 1991, p. 119).

Nisso que precisamos organizar o cotidiano em conexão com a linguagem escrita, o mundo da escrita fazendo parte da vida cotidiana das crianças, para as mesmas perceberem e vivenciarem as letras como elemento da vida. Esse movimento começa na tenra idade por meio de gestos corporais, pelo desenho, as linguagens diversas e expressivas pelo brincar. Brincar muito com as palavras e o acesso diário a leitura pela literatura infantil. Nunca considerem um exagero ler com e para as crianças, oferecer livros e deixá-las motivadas para desenhar, escrever e rabiscar!



Em nosso contexto contemporâneo observamos um amplo avanço tecnológico, uma riqueza de filmes, poesias, livros de literaturas, músicas, jogos, brinquedos, uma diversidade muito grande de estímulos gráficos e textualizados, é impossível retroceder aos exercícios manuais para o desenvolvimento das habilidades da escrita, que tem um valor inexpressivo, são vazios de conteúdos que muitas vezes suicidam uma das maiores criações humanas: a escrita e a leitura.

Compartilhamos algumas vivências para que as crianças construam experiências com a leitura e a escrita, isso de maneira fecunda e rica. Ressaltamos que a produção de textos, torna-se uma ferramenta exemplar. Os textos podem ser produzidos a partir de inúmeras experiências vividas no cotidiano com as crianças, isso tanto na escola como no seio familiar. As músicas podem se transformar em peças de teatro que, por sua vez; podem se transformar em livros, editados e com direitos autorais. Quem sabe organizar uma noite de autógrafos! Há muitas possibilidades de jogos utilizando as letras, variações do jogo da forca, adivinhações, esconde-esconde, quente e frio, montar um supermercado em um cantinho, elaborado lista de compras e preenchimento de cartões. Citamos algumas alternativas para brincarmos com as nossas crianças envolvendo a escrita e a leitura. Lembramos que nas brincadeiras as possibilidades de nossa intervenção são múltiplas.



Indicamos que cabe a escola e a família, unidos e em parceria, proporcionar conhecimentos que possibilitem às crianças ampliarem seu campo de interesse, criando nelas novas necessidades humanas, aproximando-as da criação da diversidade da cultura humana, e também permitindo que as mesmas tenham tempo, espaço e materialidades disponíveis para serem produtoras e criadoras de novas formas da cultura humana, sem contudo demandar às crianças aquilo que elas ainda não estão preparadas para aprender, oferecer e vivenciar. Nosso compromisso como professores, professoras e família requer acima de tudo que oportunizemos nossas crianças, sem exceção de classe, gênero e etnia a alfabetização, a oralidade e o letramento, que elas possam alcançar a liberdade e a emancipação em seu maior grau na sociedade, isso no presente, aqui e agora, e não em um futuro, é necessário e urgente romper com ideias futurísticas em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem de nossas crianças.



Referências

BRASIL. Resolução nº 04/10. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. Lei nº 9394/1996. de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MARTINS FILHO, Altino José. Minúcias da Vida Cotidiana no Fazer-Fazendo da Docência em Educação Infantil: Além da A4. Florianópolis: Editora Insular. 3ª Edição, 2022.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.) Criança pede respeito: docência na educação infantil. 4º Edição. Tubarão: COPIART, 2023.

MARTINS FILHO, Altino José e PRADO, Patricia. (Orgs.) Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. São Paulo: Autores Associados. 2ª Edição. 2021.

VYGOTSKY, L. S.. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Seminovitch; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1998.



Prof. Dr. Altino José Martins Filho, membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação Docente/NAPE – FAED Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC

Acesse nossas mídias

